

Editorial | Dossiê “Músicas feitas por mulheres para ressoar em todos os corpos”¹

Valéria Bonafé² | Coordenadora Convidada

Universidade de São Paulo (Brasil)

FAPESP

Resumo: Esse texto é uma breve introdução ao Dossiê “Músicas feitas por mulheres para ressoar em todos os corpos” que organizei para a presente edição da Revista Vórtex. Participam nesse dossiê as artistas Fernanda Aoki Navarro, Flora Holderbaum, Julia Teles, Thais Montanari, Cristina Dignart, Lílian Campesato e Michele Agnes.

Palavras-chave: mulheres, criação musical.

Abstract: This text is a short introduction for the Dossier “Music made by women to resonate in all bodies” which I organized for the present edition of Vortex Music Journal. This dossier gathers the artists Fernanda Aoki Navarro, Flora Holderbaum, Julia Teles, Thais Montanari, Cristina Dignart, Lílian Campesato and Michele Agnes.

Keywords: women, music creation.

¹ Dossier “Music made by women to resonate in all bodies”.

² Sou compositora e pesquisadora. Desde 2002 tenho conduzido minha formação acadêmica junto à USP, tendo ali concluído o bacharelado e o mestrado, sempre com apoio da FAPESP. De forma complementar, participei de diversos cursos e festivais no Brasil e em outros países. Nesse percurso, estudei com muitos professores mas, de modo mais extensivo, tive a orientação de Aylton Escobar, Silvio Ferraz e Marcos Branda Lacerda. Em 2013-2014 realizei um estágio de pesquisa na Musikhochschule Stuttgart sob orientação de Marco Stroppa. Devo concluir meu doutorado no primeiro semestre de 2016. Meus trabalhos estão disponíveis no meu site: valeribonafe.com.

Esse dossiê é um emaranhado de sete corpos, de sete singularidades. São sete corpos de mulheres; mulheres que compõem, criam, inventam, imaginam músicas. Elas são: Cristina Dignart, Fernanda Aoki Navarro, Flora Holderbaum, Julia Teles, Lílian Campesato, Michele Agnes e Thais Montanari.

Não vou aqui realizar uma apresentação do dossiê naquele tradicional modelo de sinopse, de modo a resumir e apontar traços genéricos a partir de um olhar distanciado. As páginas seguintes são tão especiais, tão ricas... Elas não aceitam reduções. Elas requerem que você se aproxime, que vá fundo, que disponha de um tempo alongado, que se lance numa abertura não só da escuta, mas também da visão, do tato, do corpo. E elas requerem o mesmo de mim, enquanto alguém que se pôs a organizar e agora apresentar esse material.

Esse dossiê tem algumas questões de fundo. A primeira delas: como falar sobre a música que fazemos? Essa não é uma questão apenas para mulheres. Acho sempre tão difícil (e muitas vezes até agressivo) ter que me portar como teórica da minha própria música. Ter que forjar um outro corpo e falar da minha música como se de fato eu não a tivesse imaginado em meu próprio corpo. Qual é esse corpo abstrato ao qual devo me submeter? E essa sim talvez seja uma questão mais perversa para mulheres. Esse corpo abstrato, supostamente neutro e universal, não é o corpo de uma mulher.

Então aqui imaginei uma proposta diferente: não forjar um outro corpo. Convidar as mulheres a falar da sua música como quem de fato as fez, em seus corpos. A proposta foi a de subverter, na medida do possível, o tradicional formato de artigos acadêmicos, tornando o dossiê um espaço de maior acolhida ao artístico, ao não-dizível, e também a corpos que enfrentam muita resistência em nosso meio musical.

É por isso que os textos sobre cada trabalho estão em primeira pessoa: cada artista usa ali seu próprio tom, sua própria voz. Em seguida, há a sessão “registro”, onde é possível ter a experiência de escuta (em alguns casos o olho também é solicitado mais diretamente) do trabalho que cada artista quis compartilhar. E há ainda algo mais (não *a mais*), numa sessão chamada “documentação”. Ali cada artista escolheu alguns itens para compor esse espaço de fruição do seu trabalho: há sons, fotos, desenhos, esboços, pintura, literatura, filosofia. Nada é extramusical.

É preciso dizer que, ao mesmo tempo que o dossiê possibilita esse acolhimento, ele também contém certa carga de violência. E sinto a obrigação de, enquanto mulher, dizer isso muito claramente. Ao aceitar participar desse projeto, eu sabia que teria que fazer um recorte. E recortar o que já está em pedaços é um ato muito violento. Ao submeter uma minoria a uma lógica maior – a da seleção – paga-se um preço. Por isso, quero explicitar que – caso ainda não esteja óbvio – esse dossiê é atravessado por um oitavo corpo, o meu. E ao assumi-lo, assumo aqui minhas limitações, minhas possibilidades, meu modo de ver as coisas. E que, portanto, as artistas não foram selecionadas por qualquer tipo de critério supostamente objetivo ou meritocrático. Por que esta artista e não aquela outra? Há apenas um

olhar, o meu olhar. A minha escuta. Essa foi a minha estratégia: inserir aqui meu próprio corpo para tornar esse processo o menos violento possível.

Nesse sentido, gostaria de encerrar pedindo a você uma atitude combativa diante de um processo perverso como esse: que escute para além das setes peças e das sete artistas que estão reunidas nesse dossiê. Elas não são as únicas. A inaudibilidade e o silenciamento são os maiores gestos de violência. Dizer isso é dizer também que é preciso muitas outras edições desse dossiê. Tantas quantas forem necessárias.

Esta foi uma das publicações mais gratificantes que já realizei. Agradeço muito o convite da Revista Vórtex, à Sonora³ e, especialmente, às artistas aqui incluídas.

³ www.sonora.me